



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS,
ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
CENTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FEAC

Texto para discussão

Texto para discussão nº 01/2005

*PRODUÇÃO DE FRANGO DE CORTE: UMA
COMPARAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS
AVICULTORES DA REGIÃO SUL E DA REGIÃO
CENTRO-OESTE DO BRASIL*

Julcemar Bruno Zilli
Danusa de Paula Sousa
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

PRODUÇÃO DE FRANGO DE CORTE: UMA COMPARAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS AVICULTORES DA REGIÃO SUL E DA REGIÃO CENTRO-OESTE DO BRASIL

Julcemar Bruno Zilli ¹

Danusa de Paula Sousa ²

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros ³

RESUMO

Nas últimas duas décadas, tem ocorrido uma evolução bastante significativa da produção de frangos no Brasil. O aumento do interesse pela atividade avícola deve-se a uma conjunção de fatores. Os principais são os ganhos nutricionais que permitiram uma melhora dos índices de conversão alimentar; a evolução dos equipamentos utilizados no manejo e também o crescimento do consumo da carne de frango, motivado por preço mais acessível a todas as classes sociais. É nas regiões Sul e Centro-Oeste que a atividade foi mais intensificada. Este estudo compara os resultados obtidos por produtores da região Sul com os do Centro-Oeste. Essa comparação foi feita com base em informações sobre o grau de dependência em relação à atividade avícola, o nível de diversificação da propriedade, a escala de produção e o tamanho da propriedade. Os dados para essa pesquisa foram retirados de trabalho realizado pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) em parceria com a FAO. Foram aplicados 200 questionários nas regiões Sul e Centro-Oeste. Constatou-se que os produtores localizados na região de produção tradicional (Sul) necessitem menos da atividade avícola do que os produtores do Centro-Oeste, visto que há a necessidade de maior diversificação nas propriedades em decorrência do tamanho das suas terras.

Palavras-chaves: Frango, Produção, Diversificação, Rentabilidade.

1 INTRODUÇÃO

O aumento da produção e demanda pela carne de frango nos últimos anos evidencia as potencialidades que a mesma possui no Brasil. Pode-se citar como motivos dessa expansão a queda dos preços relativos da carne de frango frente às demais carnes, o aumento da renda real dos consumidores, a migração de número grande de pessoas da zona rural para as cidades, junto com o crescimento populacional, e o surgimento dos conceitos da boa saúde, atualmente praticados pelos consumidores.

A queda do preço do frango de corte no Brasil, ocorrida graças aos ganhos de produtividade identificados na avicultura, demonstra os ganhos obtidos pelos consumidores no sentido de acesso a proteína avícola, capacitando-os a adquirir um produto nutritivo e com preços relativamente baixos. Os menores preços proporcionaram maior acesso das classes menos favorecidas a uma proteína animal de qualidade reconhecida.

A crescente urbanização teve sua participação no aumento do consumo de carne de frango. Fatores relacionados com o cotidiano dinâmico das pessoas – que cada vez menos tempo dispõem para preparar seus alimentos – e com a maior inserção da mulher no mercado de trabalho fizeram dos produtos pré-processados um alimento consumido com maior frequência pela população. Em 1920, por exemplo, a cidade de São Paulo (SP) era uma capital com aproximadamente 579 mil habitantes. Em 80 anos, atingiu uma população de mais de 10 milhões, segundo Censo 2000 do

¹ Economista (UNOCHAPECO), Mestrando em Economia Aplicada – ESALQ/USP e Pesquisador nível médio CEPEA/ESALQ/USP. jbzilli@esalq.usp.br

² Estudante de Engenharia Agrônoma – ESALQ/USP e estagiária Centro de Estudos Avançados em Econômica Aplicada – CEPEA/ESALQ/USP. dpsouza@esalq.usp.br

³ Professor titular ESALQ/USP, Ph.D em Economia pela North Carolina State University, coordenador científico CEPEA / ESALQ/USP.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), representando um crescimento de 18 vezes o número de pessoas existentes na década de 20. O exemplo da cidade de São Paulo (SP) pode ser usado para demonstrar o aumento verificado no país, que, nesse período, cresceu aproximadamente 94%.

A maior conscientização da população diante da questão saúde também é um dos fatores que influenciam na quantidade consumida de carne de frango. Entretanto, para o Brasil, esse fator não foi sentido numa intensidade tão grande quanto no mercado externo, pelas condições financeiras dos consumidores, que, na maioria das vezes, levam em consideração apenas o preço do bem que estão adquirindo.

A produção, por outro lado, teve que se adaptar às exigências cada vez maiores dos consumidores para competir nesses mercados. A assimilação das necessidades dos consumidores foi obtida, principalmente, pelas inovações tecnológicas, que forneceram ferramentas para o aumento da produtividade, como por exemplo, aviários totalmente automatizados. Além disso, o surgimento do sistema de produção centrada na integração vertical, que estabelece direitos e deveres entre o produtor e a agroindústria, é o fator que favoreceu a assimilação de tecnologia, principalmente para os pequenos/médios produtores rurais.

O desenvolvimento de linhagens mais robustas e mais rústicas direcionadas aos diferentes climas encontrados no Brasil proporcionou a obtenção de índices de produtividade que impressionam pelos números. Esse ganho de produção também tem sido imprescindível para o crescimento da atividade avícola no território brasileiro.

Todas essas mudanças influenciaram positivamente a produção de frangos de corte no Brasil. Porém, muitas vezes não são expostas as características socioeconômicas dos produtores envolvidos no processo de produção. Baseando-se nesta ausência de estudos direcionados ao setor que será analisado, de forma superficial, as informações sociais e econômicas verificadas nos avicultores de duas grandes regiões produtoras de frango de corte: Sul e Centro-Oeste, buscando identificar as principais características existentes entre os diferentes agentes do processo.

2 JUSTIFICATIVA

A atividade avícola ampliou-se, significativamente, nos últimos anos influenciada por várias pesquisas desenvolvidas nas áreas de genética, nutrição, tecnologia, etc.. Estes avanços melhoraram os índices produtivos sendo um fator importante para a inserção da carne de frango no mercado externo.

Porém, pouco se sabe sobre as características do produtor que participa do processo de produção. Neste contexto, o presente trabalho busca apresentar o perfil dos produtores de frango de corte nas diferentes regiões pesquisadas. Esta proposta permite o conhecimento das necessidades dos avicultores e a partir dessas tentar adequá-las a realidade econômica da atividade avícola.

3 OBJETIVO

Levantar as características socioeconômicas relevantes dos produtores de frango de corte das regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A produção brasileira de frango de corte tem se demonstrado como uma das maiores produções mundiais. A dinâmica verificada na atividade avícola se deve as mudanças implementadas nas características dos produtos, visando atender as necessidades crescentes dos consumidores, a maior inserção da mercadoria no mercado internacional, aos avanços tecnológicos e pela alteração das escalas de produção. (Talamini et al., 1998).

Segundo dados da Associação Brasileira dos Exportadores de Frango (ABEF,2003) a produção brasileira de carne de frango obteve um crescimento de 365% de 1986 a 2002. Só no ano de 2002 a produção atingiu um volume de 7,5 milhões de toneladas contra os 1,62 milhões de toneladas produzidas no ano de 1986. Este crescimento é significativamente maior que o observado para a produção de carne de suínos (5,15% ao ano) e de bovinos (2,60% ao ano) no mesmo período.

Além disso, em 2003, o Brasil atingiu índices recordes com a exportação de carne de frango, obtendo um aumento em volume de 20,54%, tendo em vista a exportação de 1,959 milhão de toneladas em comparação as 1,624 milhão de toneladas de 2002, conforme ABEF (2003). Em 2003, segundo a mesma fonte, o Brasil assumiu a liderança nas receitas com exportações de carne de frango, chegando a US\$ 1,796 bilhão.

No Brasil, no período de 1994/2002, houve um consumo de 44,4 milhões de toneladas de carne de frango, representando um aumento da ordem de 91,6%. Nos Estados Unidos, no mesmo período, o aumento foi de 31,7% e na China, de 50,1% de acordo com dados da ABEF, 2003.

Uma hipótese para o aumento da procura por carne de frango é a relativa queda do preço dessa carne frente às outras. Segundo dados do Cepea/Esalq/USP, de 1989 a 1995 houve uma redução no preço real do frango na praça de Campinas de 76,3%. Entretanto, a partir de 1995, iniciou uma estabilização do preço real proveniente de um maior controle econômico, tendo um aumento de 2,66% de 1995 a 2002.

Segundo Schorr (1999), Godoy (1999) e Carmo (2001), o avanço de pesquisas científicas ofereceu inovações nas áreas de nutrição com a obtenção de fórmulas que melhoraram significativamente os índices alimentares e a redução dos custos, oferecendo assim uma possibilidade no aumento da produção. Segundo Aves e Ovos (1995), em 1930, eram necessários 3,5 kg de ração para obter 1 kg de frango vivo com o frango alcançando um peso médio de 1,5 kg em 105 dias de vida. Atualmente, a conversão alimentar média é de aproximadamente 1,85 kg de ração para 1 kg de frango vivo, sendo que ele tem levado 42 dias para obter um peso de 2,24 kg, conforme dados do Cepea/Esalq/USP.

Além de tudo, outro fator de grande relevância e que ajudou a avicultura brasileira a obter um elevado crescimento da produção de carne de frango, foi a implementação, no início dos anos 60, de um modelo de produção que consiste na integração pequeno produtor/agroindústria com uso intensivo de inovações tecnológicas modernas. A produção de carne de frango, até então, era realizada de forma artesanal, com baixa utilização das tecnologias modernas, e estava disseminada por todo o país (Fernandes & Queiroz, 2003).

A avicultura integrada consiste em um relacionamento entre a agroindústria e os produtores rurais em que o produtor de frango se caracteriza pela utilização de mão-de-obra familiar, por ser proprietário de pequena extensão de terra e a propriedade ser diversificada. O ingresso das empresas no sistema de integração é motivado pela tendência do mercado, homogeneidade da matéria-prima, suprimento da capacidade de abate, aumento da produção como garantia de melhor comercialização, redução da necessidade de investimento e diminuição das despesas operacionais, aumento da produtividade e matéria-prima assegurada (Richetti & Santos, 2003).

Nos últimos anos surgiu um novo modelo de integração. Segundo Fernandes & Queiroz (2003) a principal característica dessa nova forma de cooperação são produtores integrados, de tipo médio ou grande, decorrente da exigência de que os integrados tenham maior capacidade de alavancagem de financiamento.

Os impactos que a implementação dessa nova metodologia de trabalho poderá causar no sistema social e produtivo dos produtores baseado na integração pequeno produtor/agroindústria devem ser melhores estudados. Estudos mais detalhados poderão indicar mais precisamente os possíveis impactos decorrentes dessa tendência de mudança.

5 METODOLOGIA

Os dados foram levantados através da pesquisa realizada em 2002/2003 pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) em parceria com o Órgão das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU).

Foram aplicados 200 questionários nas principais mesorregiões do Sul (região metropolitana de Curitiba, oeste catarinense, centro oriental rio grandense do sul noroeste rio grandense do sul e oeste paranaense) e do Centro-Oeste (sudoeste do Mato Grosso do Sul, sudoeste mato-grossense, sudeste mato-grossense e sul goiano) do Brasil.

A escolha das regiões foi baseada nas informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1996) e levou em consideração a produção de carne de frango nos últimos cinco anos.

Selecionaram-se informações sobre o tempo de posse da propriedade, o tamanho das propriedades, o tempo de integração, o acesso a financiamentos, o grau de dependência do produtor rural à atividade avícola (%), a escala de produção (frangos/lote), o tamanho da propriedade (ha) e o preço recebido por ave (R\$/kg).

Os produtores foram divididos em três escalas de produção. Os de pequenos porte com uma produção de até 15.000 frangos/lote; os de médios, entre 15.000 e 45.000 frangos/lote e os grandes produtores com quantidade superior a 45.000 frangos/lote.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A comparação feita entre as duas regiões pesquisadas (Sul e Centro-Oeste) forneceu informações relevantes sobre as principais características dos produtores de frango de corte quanto as variáveis selecionadas para o estudo.

Primeiramente, identificou-se o tempo de posse das propriedades rurais visitadas. Diante disso, verificou-se um maior tempo para as propriedades da região Sul, principalmente, no estado de Santa Catarina. Nesse, a classe com maior frequência de informantes está entre 40 e 50 anos de posse da propriedade. Por se tratar de uma região colonizada por imigrantes europeus e migrantes vindos, na sua maioria, do Rio Grande do Sul, adquiriram suas propriedades e estão evitando a venda delas. Entretanto, segundo relatos dos produtores, a permanência da propriedade com a família depende das condições oferecidas, pois, caso contrário, não haverá ninguém que se disponibilize a seguir na atividade rural.

Tabela 1 - Tempo de posse das propriedades amostradas por estado (anos)

Tempo de propriedade	Unidades da Federação Amostradas (UF)						
	GO	MS	MT	PR	RS	SC	Total
--- 10 anos	13	6	14	5	5	9	52
10 anos --- 20 anos	7	5	10	4	2	12	40
20 anos --- 30 anos	7	5	2	5	5	7	31
30 anos --- 40 anos	2	5	2	4	3	16	32
40 anos --- 50 anos	0	3	0	1	6	18	28
50 anos --- 60 anos	0	2	0	0	5	7	14
60 anos --- 70 anos	0	0	0	0	0	2	2
--- 70 anos	0	0	0	0	0	1	1
Total	29	26	28	19	26	72	200

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados Cepea/Esalq/USP

Já a região Centro-Oeste possui fazendas recém criadas, principalmente, o estado de Goiás e Mato Grosso, que são consideradas as principais fronteiras de produção agropecuária. Além disso, muitas destas terras foram obtidas visando o aproveitamento do “*know how*” dos produtores sulistas que foram incentivados a residirem nestes estados para servirem de modelo de produção para os agricultores daquela região. Para isso, as empresas integradoras dessas regiões ofereceram subsídios para a aquisição e construção das unidades de produção (aviários) via financiamentos á longo prazo com taxas de juros acessíveis aos produtores. Desta forma, a riqueza proporcionada pelo avanço da atividade avícola fica evidente nos índices de crescimento da região Centro-Oeste frente os brasileiros.

O percentual de produtores amostrados por estado está disposto na Tabela 2. Nela observa-se que o maior percentual de produtores, com escala de até 15.000 frangos/lote, está localizado na região Sul, nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina representando 19%, 17,5% e 49,2%, respectivamente. Os produtores com a mesma escala no Centro-Oeste representam pouco menos de 9,5% no Mato Grosso e 4,8% no Mato Grosso do Sul e, verificou-se a ausência desses produtores no estado de Goiás.

Inversamente, o maior percentual de produtores amostrados com produções superiores a 45.000 frangos/lote está localizado no estado de Goiás (67,9%), seguido pelo Mato Grosso do Sul (10,7%) e Mato Grosso (10,7%).

Dessa forma, a região Sul contribuiu com 86% de todos os produtores amostrados com escala de até 15.000 frangos/lote contra 14% verificados no Centro-Oeste. No entanto, apenas 11% dos produtores com produção em larga escala (superior a 45000 frangos/lote) estão localizados no Sul e 89% na região de fronteira.

Nota-se, através dessa análise superficial das observações que o Centro-Oeste tem dado ênfase a produção de frango de corte em escala, influenciada pela proximidade geográfica dos principais insumos (milho, soja) utilizados na produção animal.

Tabela 2: Percentual de produtores amostrados por estado e escala de produção

Estados	Escala de Produção		
	0 - 15000 frangos	15000 - 45000 frangos	45000 frangos -
GO	0	9,2%	67,9%
MS	4,8%	18,3%	10,7%
MT	9,5%	17,4%	10,7%
PR	19,0%	6,4%	0
RS	17,5%	12,8%	3,6%
SC	49,2%	35,8%	7,1%

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados Cepea/Esalq/USP

Além disso, a forma como essas regiões estão organizadas indica uma importante característica. Os avicultores amostrados da região Sul possuem propriedades menores que os produtores amostrados no Centro-Oeste, isso tanto para os pequenos, quanto médios e grandes produtores.

Essa constatação pode ser feita na Tabela 3. Ela mostra que o tamanho médio das propriedades sulinas (PR, RS e SC) com produção inferior a 15.000 frangos/lote é de 38,19, 17,68, 24,59 hectares, respectivamente. Comparando com os tamanhos encontrados nos estados do Mato Grosso do Sul (133 ha) e Mato Grosso (54,83 ha), os produtores com a mesma escala da região Sul possuem propriedades com tamanhos 71% inferiores aos do Centro-Oeste.

Para produtores com produção superior a 45.000 frangos/lote, localizados no Centro-Oeste, possuem propriedades de, na média, 194,46 ha (GO), 102,17 ha (MS) e 629,17 ha (MS) muito maiores que as encontradas nos estados do Rio Grande do Sul (4,5 ha) e Santa Catarina (56,5 ha).

Para os produtores com escala intermediária (entre 15.000 e 45.000 frangos/lote) destaca-se o estado de Goiás, com tamanhos médios de 159,08 há, e o Mato Grosso, com 204,33 ha. Já a média da região Sul está em torno de 29 ha.

A sumarização dos dados mostra um dos principais fatores que influenciou o desenvolvimento da atividade avícola na região Sul: as propriedades de pequeno porte com um nível elevado de diversificação.

Tabela 3 - Tamanho médio das propriedades amostradas (Hectares)

Estados	Índice escala		
	15000 frangos	15000 - 45000 frangos	45000 frangos
GO	0	159,08	194,46
MS	133,00	52,75	102,17
MT	54,83	204,33	629,17
PR	38,19	32,71	0
RS	17,68	25,97	4,50
SC	24,59	28,53	56,50

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados Cepea/Esalq/USP

Por se tratar de pequenas propriedades rurais, com muitos acidentes geográficos que dificultariam o desenvolvimento de algumas culturas, a região Sul, primeiramente, Santa Catarina introduziu o modelo de produção com integração vertical da cadeia produtiva. Desta forma, os produtores não precisariam se preocupar com a compra de insumos e venda do produto, visto que, a integradora arcaria com os custos de insumos e de transação. O sistema, implementado para as pequenas propriedades, adquiriu respeito dos agentes envolvidos no processo de produção. A partir daquele momento, a integração vertical foi implementada, praticamente, em 95% das propriedades que possuem a atividade avícola.

Observando-se a Tabela 4, temos informações do tempo de integração dos produtores amostrados. Percebe-se, em Santa Catarina, que há alguns produtores que possuem mais de 21 anos de integração produtor/integradora. Já a região Centro-Oeste introduziu o sistema a poucos anos, principalmente, no estado de Goiás onde a maioria está a menos de 8 anos na atividade integradora. O Mato Grosso possui o maior número de avicultores entre 2 e 12 anos.

Entretanto, o formato a qual o sistema de integração vertical foi implementado está sofrendo alterações que visam tornar a atividade mais competitiva. A migração do formato pequeno produtor/empresa para o médio produtor/integradora seleciona os produtores capitalizados e eficientes e, exclui da atividade os pequenos produtores - que não possuem condições de realizarem as alterações solicitadas pela empresa - e os avicultores ineficientes.

Segundo Fernandes & Queiroz (2003), as principais características do novo modelo de integração são: alto nível de automação dos aviários; alto volume de aves confinadas por aviário/produtor integrado; redução significativa no número de produtores integrados para cada planta industrial e, portanto, do número de contratos estabelecidos pela firma agroindustrial integradora; produtores integrados de tipo médio ou grande decorrente da exigência de que os integrados tenham maior capacidade de alavancagem de financiamento em função do aumento significativo nos custos de instalação de novos aviários (seja pela maior automação, seja pela ampliação no tamanho do aviário); produtores melhor informados sobre o mercado; produtores que buscam alternativas de investimento (melhor retorno do capital investido, e não simplesmente uma nova fonte de renda); uso predominante de mão-de-obra assalariada nos aviários; e re-espacialização das agroindústrias integradoras em função da necessidade de se localizar em regiões que tenham características fatores como concentração de um número significativo de produtores com maior capacidade de alavancagem de financiamento e que queiram se integrar e concessão de benefícios, incentivos fiscais necessários para a redução do risco de possíveis perdas financeiras com o investi-

mento, localização dos novos investimentos nas principais regiões produtoras de matérias-primas, visando com isto ter acesso às mesmas em condições favorecidas.

Tabela 4 – Tempo de integração dos produtores amostrados por estado (anos)

Tempo de integração	Unidades da Federação Amostradas (UF)						Total
	GO	MS	MT	PR	RS	SC	
--- 2 anos	11	0	0	1	6	6	24
2 anos --- 5 anos	9	8	4	0	0	8	29
5 anos --- 8 anos	8	9	9	4	8	9	47
8 anos ---12 anos	0	3	12	4	7	11	37
12 anos ---15 anos	0	6	0	3	2	4	15
15 anos ---18 anos	1	0	2	2	2	7	14
18 anos ---21 anos	0	0	0	1	1	5	7
---21 anos	0	0	1	4	0	22	27
Total	29	26	28	19	26	72	200

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados Cepea/Esalq/USP

A necessidade de alavancagem de financiamentos para a expansão/ampliação da atividade avícola tornasse uma barreira a manutenção dos produtores na atividade. Desta forma, na Tabela 5 identificaram-se os valores de empréstimos dos produtores amostrados pela pesquisa. Observou-se que 36% dos produtores possuem financiamentos de valores nominais entre R\$ 10.000,00 e R\$ 30.000,00. Já Santa Catarina apresentou cerca de 49% dos produtores com valores monetários inferiores a R\$ 10.000,00. Portanto, essa tendência poderá eliminar da avicultura boa parte dos produtores desse estado se não forem criadas políticas de crédito que beneficiem e ampliem os valores financiados. Exemplo disso são os produtores do estado de Goiás onde aproximadamente 73% dos avicultores amostrados possuem empréstimos com valores acima de R\$ 100.000,00 conseguidos com a garantia da integradora.

Tabela 5 – Valores nominais dos empréstimos atuais dos produtores amostrados por estado (R\$)

Valores nominais (R\$)	Unidades da Federação Amostradas						Total
	GO	MS	MT	PR	RS	SC	
Não possui ou não respondeu	0	2	3	4	5	5	19
--- R\$ 10.000	0	6	8	3	4	35	56
R\$ 10.000 --- R\$ 30.000	3	5	10	10	15	29	72
R\$ 30.000 --- R\$ 50.000	2	6	3	2	1	3	17
R\$ 50.000 --- R\$ 80.000	3	5	3	0	1	0	12
R\$ 80.000 --- R\$ 100.000	0	2	0	0	0	0	2
R\$ 100.000 ---	21	0	1	0	0	0	22
Total	29	26	28	19	26	72	200

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados Cepea/Esalq/USP

Diante das diversas dificuldades enfrentadas pelos pequenos empresários rurais em permanecer no meio rural percebe-se que é nas dificuldades que se ganha força para prosseguir. Assim, esperar-se-ia, por exemplo, que os produtores de frango com produção inferior a 15.000 frangos/lote possuíssem um grau de dependência maior para com a atividade avícola. Entretanto, isso não

foi verificado nos estados do Sul, onde se encontram 86% dos pequenos produtores amostrados (Tabela 3). Esses produtores possuem uma dependência menor da atividade do que os grandes produtores rurais (escala superior a 45.000 frangos/lote), como se pode visualizar na Figura 1.

A menor dependência em relação à atividade avícola está associada a uma maior diversificação das propriedades sulinas. Diversificação esta imposta pelas barreiras de tamanho das terras, de relevo e também pelas características da colonização encontrada na região.

A maior diversificação das atividades nas pequenas propriedades (menores que 15.000 frangos/lote) localizadas no Sul do Brasil está relacionada ao desenvolvimento de culturas como o plantio de soja, milho, feijão, trigo, arroz, hortifrutes e à criação de animais. Já no Centro-Oeste, costumam atuar apenas na avicultura e, algumas vezes, na pecuária leiteira e de corte como fontes de formação de renda na propriedade.

Na região Centro-Oeste, os produtores de frango com produção superior a 45.000 frangos/lote possuem uma maior profissionalização da atividade com investimentos provenientes de outros ramos da economia. Com isso passam a depender menos da atividade do que o produtor da mesma escala no Sul (Figura 1).

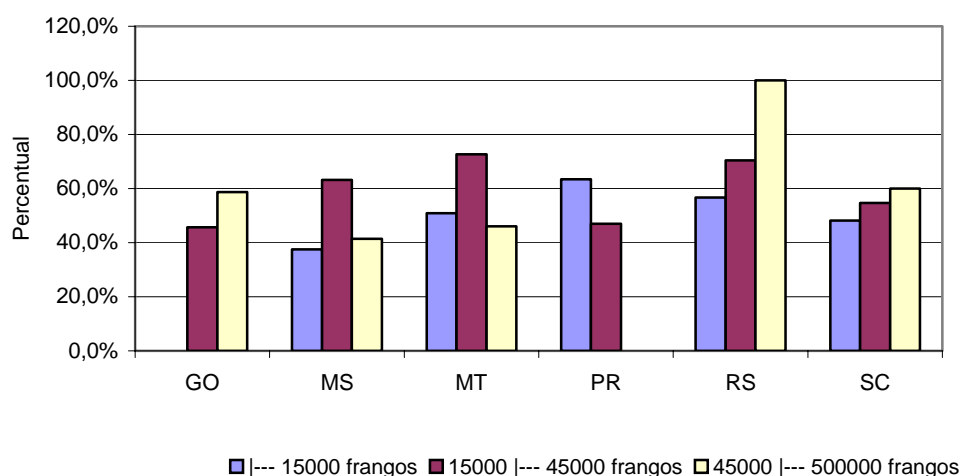


Figura 1 – Percentual de dependência do produtor amostrado à renda avícola

Quando se analisa o preço médio recebido pelo produtor de frango de corte, percebe-se que não existe diferença significativa entre as duas regiões. Entretanto, destacam-se os médios/grandes produtores (maiores de 15.000 frangos/lote) instalados no estado de Goiás, que recebem líquido da agroindústria, na média, R\$ 0,10/kg de frango vivo.

Tabela 6 - Preço médio recebido pelo produtor amostrado da agroindústria (R\$/kg)

Estados	Índice escala			Total
	15.000 frangos	45.000 frangos	50.000 frangos	
GO	0	0,11	0,09	0,10
MS	0,07	0,06	0,06	0,06
MT	0,09	0,09	0,11	0,09
PR	0,07	0,07	0	0,07
RS	0,08	0,08	0,08	0,08
SC	0,08	0,08	0,10	0,08
Total	0,08	0,08	0,09	0,08

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados Cepea/Esalq/USP

Adicionalmente, os produtores com produção superior a 45.000 frangos/lote possuem uma remuneração cerca de R\$0,01/kg superior às demais escalas de produção. O resultado contrasta

com o que era de se esperar para uma atividade onde o elevado nível de investimento é percebido. A injeção de capital realizado por esses produtores em tecnologia coloca-os em posição privilegiada diante dos demais.

7 CONCLUSÃO

Primeiramente, percebe-se que existe um número elevado de pequenas propriedades localizadas no Sul do país. E, essas propriedades são compostas por pequenos produtores de frangos (menores que 15.000 frangos/lotte). Entretanto, nota-se o contrário no Centro-Oeste, onde há propriedades com tamanhos maiores e com escala de produção (superior a 45.000 frangos/lotte). Nesse caso, os produtores precisam diversificar sua área para assegurar, através de rendas extras, a sobrevivência da sua família.

Adoção de um sistema de produção centrado no médio e grande produtor, na região Sul poderia causar um impacto significativo para a economia regional, caso não fosse disponibilizado condições para os mesmos se adequarem as novas características de produção. O acesso a crédito é um dos graves problemas enfrentados, principalmente, pelos pequenos avicultores, visto que os valores emprestados, na maioria das vezes, não são suficientes para a ampliação da atividade, seja ela pecuária ou agrícola. Já os médios/grandes produtores chegam a conseguir financiamentos superiores a R\$ 100.000,00.

No Centro-Oeste, as propriedades são maiores e a maioria das aves é proveniente de produtores com produção superior a 45.000 frangos/lotte que, na maioria das vezes, possuem atividades fora da propriedade, são empresários do meio rural. Essa característica indica que, nessa região, os impactos causados pela implantação de um sistema de produção baseado no médio/grande produtor de frango de corte teriam resultados menos alarmantes, porém preocupantes quanto à subsistência de uma economia regional voltada para a atividade pecuária.

Além disso, constatou-se que os produtores com maiores escalas de produção tendem a receber, na média, um valor substancialmente maior (R\$ 0,01/kg) do que os produtores com menores escalas. Essa diferença parece ser pequena mas em larga escala é o suficiente para tornar os pequenos produtores menos competitivos. Assim, automaticamente, o mercado exclui do sistema produtivo os produtores que não conseguem competir eficientemente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES E EXPORTADORES DE FRANGO (ABEF). **Produção brasileira de frangos**. <http://www.abef.com.br> (15 jul. 2003)

CARMO, R.B.A. A viabilidade econômica da avicultura de corte na Bahia (compact disc). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 39., Recife, 2001. **Anais**. Brasília: SOBER, 2001. 10p.

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). Dados repassados pessoalmente.

DO TERREIRO ao laboratório: os progressos da nutrição de aves. **Aves & Ovos**. São Paulo, v.11, n.5, p.20-30, mar. 1995.

FERNANDES FILHO, J.F.; QUEIROZ, A.M. **Transformações recentes na avicultura de corte brasileira**: o caso do modelo de integração. Ouro Preto: UFOP, 2001. <http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/OGT/ogt0106.htm>. (04 out. 2003)

GODOY, J.C., Milagre do consumo. In: Anuário da avicultura industrial, N° 1062, Dez 98 - Jan/99, São Paulo - SP.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa pecuária municipal**: 2001. <http://www.sidra.ibge.gov.br> (01 abr. 2003)

RICHETTI, A.; SANTOS, A.C. **O sistema integrado de produção de frango de corte em Minas Gerais**: uma análise sob a ótica da ECT. <http://www.dae.ufla.br/cedoc/artigo03200.doc> (18 mar. 2003)

SHORR, H. Decisão estratégica. **Anuário da avicultura industrial**, v.1, n.1062, p.88-98, dez. 1998/jan. 1999.

TALAMINI, T.J.D.; SANTOS FILHO, J.I. dos; CANEVER, M.D. Os complexos grãos-carne e sua dinâmica recente no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 37., Poços de Caldas, 1998. **Anais**. Brasília: SOBER, 1998. 7p.